

SÁNCHEZ PALOMINO, M^a DOLORES (ed.) (2010): *Lexicografía galega e portuguesa*. A Coruña: Universidade da Coruña, 231 pp. (anexos *Revista de Lexicografía*, 13).

A capa do presente volume da *Revista de Lexicografía* 13 do ano de 2010 é realizada a partir do verbete *diccionario* de uma das edições antigas do *Diccionario de la Real Academia Española*, uma ideia original, mas que acaba por dificultar a leitura das próprias informações essenciais da capa. A presente coletânea contém onze comunicações apresentadas no *I Congreso Internacional de Lexicografía Hispánica*, realizado na Coruña, entre 14 e 18 de setembro de 2004.

Esta coletânea, editada por M^a Dolores Sánchez Palomino, inicia-se com uma comunicação abrangente sobre aspetos terminológicos na lexicografia.

MANUEL GONZÁLEZ GONZÁLEZ (Real Academia Galega / Universidade de Santiago): “A terminoloxía dentro dos estudos de lexicografía galega”.

O autor apresenta uma sinopse da mais recente história da lexicografia galega e apoia-se,

sobretudo, na temática da terminologia como instrumento para a constituição de uma lexicografia moderna. Ela deve corresponder às exigências da comunicação de hoje, incluindo as linguagens de especialidade com a sua respetiva terminologia. O autor argumenta que o galego tem sido uma língua de uso popular sem prestígio. Daí, a necessidade de se elaborar em primeiro lugar as terminologias de especialidade, que não existem. Acresce o facto de —como em todas as línguas— o galego estar exposto à forte influência do inglês. Mas obviamente não só, mas também a coexistência de duas línguas em território galego —o galego e o castelhano— faz com que em comunicação especializada frequentemente se recorra à utilização do castelhano como saída mais cómoda perante a falta de terminologia de uma dada área de especialidade. Em contrapartida, alega o autor, os terminólogos galegos deparam com grande falta de textos técnicos redigidos em galego como base de elaboração de terminologias. A seguir, o autor apresenta órgãos que fomentam a normalização linguística como Termigal, um serviço de terminologia orientado pelo próprio autor.

MARÍA LUÍSA ALMEIDA (Universidade Católica Portuguesa, Viseu): “Para um dicionário do Português Medieval”.

A autora dá um resumo da sua tese de doutoramento —um estudo sobre um códice medieval (Livro dos Bens de D. João de Portel), que é uma compilação de cartas redigidas entre 1250 e 1285—, debruçando-se exclusivamente sobre os documentos em língua portuguesa, no intuito de contribuir “para um dicionário do Português Medieval”. Parte da tese dedica-se a aspetos de classe gramatical das palavras extraídas dos textos, agrupando a autora as palavras por ordem alfabética e frequência, com o objetivo de fornecer informação para o futuro aproveitamento lexicográfico. Além disso, faz parte da tese uma pesquisa sobre as formas verbais chegando à conclusão de que o presente do indicativo e a 3^a pessoa do singular são as formas mais frequentes.

No presente texto, a autora resume que extraiu dos textos uma série de verbos, que ou não

constam dos dicionários do português medieval (*Dicionário Alcobacense de Verbos* e *Dicionário de Verbos do Português Medieval*), ou então se apresentam de uma forma diferente (usos e significados) da dos dicionários de português medieval.

MARÍA ÁLVAREZ DE LA GRANJA (Instituto da Lingua Galega - Universidade de Santiago de Compostela): “O tratamento lexicográfico dos verbos soporte no marco da teoría da metáfora”.

A autora estuda colocações com verbos suporte do tipo *dar um passeio* (passear) e coloca a questão da transparência ou não dos verbos suporte, seu uso literal ou metafórico e chama a atenção para o devido tratamento em diferenciadas e bem estruturadas aceções dos verbetes dos dicionários.

MARÍA DEL PILAR ALVARINO ALVARINO, MARÍA LILIANA MERTINEZ CALVO, BLANCA SÁNCHEZ SAMPEDRO (Termigal): “*Análise das características da linguaxe técnica en lingua galega nun corpus concreto*”.

As autoras no seu texto partem do princípio de que as inovações tecnológicas são acompanhadas —no campo linguístico— pelas respetivas denominações em inglês, “lingua de prestígio no campo cinético-técnico” (p. 67). Assim, especialistas e usuários iriam adotar os anglicismos e rejeitar formas criadas na sua língua. Por isso, defendem uma “política linguística intervencionista” (p. 68) com a finalidade de uma atualização contínua da terminologia (informática no caso concreto), como aliás acontece no seio da Termigal. As autoras estudam métodos para encarar a situação propondo por exemplo calcos como forma de travar ou atenuar o avanço de estrangeirismos no léxico da língua galega. As autoras, ao longo das suas pesquisas, igualmente se depararam com uma grande escassez de textos técnicos em língua galega, tratando-se —quando existem— na maioria dos casos de guias e instruções de uso. E é nestes que a terminologia da especialidade está menos presente, enquanto que nos textos mais técnicos abundam termos ingleses.

MARIA DO CÉU CAETANO, MARIA TERESA BROCARDI (Universidade Nova de Lisboa): “Contributo dos di-

cionários etimológicos para a análise morfológica sincrónica”.

As autoras começam por abordar a pouca investigação existente no campo da etimologia em tempos recentes. Os dois dicionários da língua portuguesa mais importantes de momento, o da Academia das Ciências de Lisboa (2001) e o *Dicionário Houaiss* (2002, oriundo do Brasil, na sua versão adaptada ao português de Portugal), recorrem frequentemente a dois dicionários etimológicos: o de José Pedro Machado e de Antônio Geraldo da Cunha (Brasil). No seu texto, as autoras destacam a importância das informações etimológicas para o estudo da formação de palavras a nível sincrónico.

BERTA CASTAÑO TORRADO (Termigal): “A terminologia têxtil e as denominacións prescritivas na actualización das linguas de especialidade do galego”.

O presente texto visa a terminologia aplicada na área da indústria têxtil. O Termigal propõe-se elaborar uma base de dados para compilar sistematicamente as denominações da área têxtil determinando o grau de fiabilidade em diferentes tipos de texto. Com base em diferentes tipos de obras lexicográficas (dicionários bilingues gerais e especializados, dicionários monolingues, bases de dados terminológicos e normas técnicas), a autora estuda alguns verbetes da área têxtil (*angora, mohair* e outros) e conclui que os textos normativos não podem constituir a exclusiva base de trabalho terminológico, mas devem sempre ser um ponto de referência ajudando a melhorar o produto final —a terminologia.

MARIELA DE LA TORRE (Universidade de Berna): “Incorporación de extranjerismos en el *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (DLPC)*”.

Após uma breve apresentação do dicionário, a autora sublinha que, ao contrário do DRAE, o DLPC não provém —como induz o subtítulo— de uma academia de ciências, mas de uma instituição interdisciplinar composta por “técnicos”. Assim, a Academia de Ciências de Lisboa, passados mais de duzentos anos sobre a primeira tentativa de elaborar um dicionário académico, volta a falhar neste novo esforço de produzir um

dicionário académico de língua. Mas o ponto central desta comunicação é a inclusão de estrangeirismos no corpus do DLPC. A autora critica incoerências ocorridas no tratamento dos estrangeirismos na forma de empréstimos, aportuguesamentos e “semiaportuguesamentos” acusando falta de critério na escolha. A lista de exemplos incluídos no artigo deixa de facto fortes dúvidas em quem os lê assim agrupados, o que ao folhear o DLPC nunca ocorreria, muitos dos exemplos parecem mesmo adaptações forçadas.

XOSÉ RAMÓN FREIXEIRO MATO (Universidade da Coruña): “O castelhanismo *bueno* en galego”.

O autor estuda o aparecimento do castelhanismo *bueno* no galego escrito a partir do século XIX (forma paralela às formas usuais galegas *bon* e *bo*), primeiro na função de adjetivo e mais tarde como marcador discursivo. E é nesta última função que a palavra teria passado para a oralidade e acabado por manter-se no galego atual, enquanto que desapareceu do galego escrito. O autor finaliza recomendando a recuperação do adjetivo *bon* para fazer a vez de *bueno* como marcador discursivo, o que aliás já tem acontecido em vários textos literários.

Mariagrazia Russo (Università di Viterbo): “O verbo da terceira conjugação nos dicionários quinhentistas de Jerónimo Cardoso”

Após uma apresentação da pessoa e obra de Jerónimo Cardoso, a autora analisa formas verbais nos dicionários de Cardoso baseando-se no *Concordancier portugais de Jerónimo Cardoso* de Paul Teyssier, isto é, a digitalização dos dicionários de Cardoso. O estudo das formas verbais deteta alternâncias e vacilações no uso de determinados verbos, ora na 3ª ora na 2ª conjugação (ex. *tingir/tengir, tinger*), com tendência para formas cada vez mais distantes das palavras de origem, as latinas. É o estatuto do Português no momento em que é espalhado pelo mundo.

XOSÉ MANUEL SÁNCHEZ REI (Universidade da Coruña): “Aproximación ao léxico do século XIX perspectivado a través do cancionero tradicional”.

Com o “Rexurdimento” na Galiza do século XIX há um renovado interesse pela literatura oral galega e sua compilação para salvaguar-

dá-la do esquecimento. Surge assim o *Cancionero Popular Gallego* como forma impressa dessa literatura. O presente texto visa chamar a atenção para o rico material coligido como fonte de estudo do estado da língua neste testemunho da oralidade galega do século XIX. O autor qualifica o cancionero como património lexical e dialetal de grande relevância.

MARIA OLINDA RODRIGUES SANTANA (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro): “Elaboração do Vocabulário de um Livro de Registos do século XVI”.

A autora analisa a documentação sobre a reforma manuelina na área do registo dos forais novos como fonte lexical do português no princípio do século XVI (facto importante porque os antigos forais estavam redigidos em latim). O vocabulário (na verdade serão dois) em vias de construção será produto de processamento eletrónico múltiplo permitindo obter resultados estatísticos ao lado de informações semânticas. A análise poderá esclarecer as alterações semânticas surgidas naquela época de transição para o português moderno.

Lutz Hoepner